

**Baião** Distrito do Porto, Norte de \*Portugal. Tesouro composto por noventa e três peças de ouro (v. \*ourivesaria) distribuídas por quatro tipos funcionais: um colar articulado, dois pares de arrecadas, uma pulseira ou gargantilha e doze aplicações discóides. Faz parte das colecções do Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), onde deu entrada, por compra, em meados do século XX. De acordo com a informação do vendedor (um ourives do Porto), o tesouro é do concelho de B., não se conhecendo quaisquer outros dados que a confirme e que precisem as circunstâncias de achado. O colar, articulado, é composto por 71 peças, entre pingentes e contas. Os pingentes, de distintos tamanhos, foram ordenados de forma decrescente do centro para as extremidades. Apresentam forma de bolota obtida pela ligação, com solda, de duas partes, a que se une um canevão em forma de “T”, ou uma calote esférica, por onde passava o fio de ligação. Alguns são decorados com estrias formando espinha. As contas são esféricas e bitroncocónicas. O diadema ou gargantilha está representado por seis módulos de malha de fio de arame torcido, similares entre si, a que foram soldados três alinhamentos de semi-esferas ocas. Pela dimensão do conjunto (23 cm), e pressupondo-o completo, é admissível a hipótese de também poder corresponder a pulseira. Os dois pares de arrecadas, idênticos, são constituídos por corpo central lunular composto por duas lâminas lisas e simétricas. Internamente, foi soldada uma outra lâmina semicircular, nervurada através de repuxado sobre matriz, formando palmeta. Externamente, soldaram-se cerca de setenta hastes bivalves adossadas entre si, que divergem, radiadas, acompanhando a curvatura do corpo lunar. Sistema de suspensão simples e directo através das extremidades da lúnula. As aplicações discóides (ou botões) são circulares e cónicas, com cerca de 1,7 cm de diâmetro; o centro é umbilicado e a periferia em aba plana, na qual se soldaram as extremidades da haste em fita que serve de presilha de fixação. Apresentam decoração a cinzel, formando raios em estrela que se cruzam ao centro, ou que se circunscrevem à orla, deixando a parte central apenas com umbo. Formas e temáticas decorativas assumem particular subtileza. Motivos orientalizantes (v. \*orientalizante, estilo) de natureza vegetal, como a palmeta, poderão evocar simbologia ligada à “Árvore da Vida” e à fecundidade, ou ter sentido funerário. A orla radiada das arrecadas e dos botões deverá simbolizar o “astro-rei”, naquelas, associado à lua, e nestes, porque também igualmente

circulares, evocando o próprio disco solar. E a forma de bolota expressa nos pendentos do colar, atributo de Zeus, será uma constante simbólica ao longo do I milénio a.C. Tecnicamente, integra peças de estrutura muito leve, obtidas a partir de placas e lâminas marteladas, ocas, unidas por solda, todos eles elementos caracterizadores das novidades da ourivesaria que se impôs a partir da presença fen. na \*Península Ibérica. Com ela, surgem também outros tipos de jóias (inexistentes na pujante ourivesaria indígena do Bronze Final), como os botões, as arrecadas, os colares e diademas articulados, aqui presentes. Essa descontinuidade verifica-se ainda ao nível dos motivos decorativos, agora carregados de elevado simbolismo de âmbito orientalizante. Técnicas, formas e iconografia são, finalmente, reveladores da adopção e criação de uma estética enquadrada por valores distintos (v. \*arte e artesanato). Análises efectuadas revelaram elevado índice de prata (entre 25 e 30) na composição do ouro, considerando-se que as peças serão de fabrico exógeno, correspondendo a importações oriundas da área tartéssica (v. \*Tartessos), de possível atelier sediado em \*Cádiz. O tesouro de B. é, portanto, lídimo representante da nova identidade cultural mediterrânea de matriz fen., onde o ouro alcançou, em pleno, o seu papel sócio-ideológico. Pela tipologia das peças, o conjunto (ou parte) poderia ter assumido, no seu contexto de origem, i.e. meridional, conotação feminina, como dote, oferta de natureza política, ou mesmo cariz funerário. Outras explicações, atendendo ao estado das peças ou à existência de dois pares de arrecadas, têm-no valorizado como mercadoria de comerciante, portanto, como bem permutável no quadro de relações de trocas entre o Noroeste e o Sudoeste peninsulares. Datável do século VII a.C., é considerado como o mais importante conjunto de âmbito orientalizante proveniente do Noroeste da Península Ibérica, confirmando-se tal informação.

V.H. Correia, “A presença orientalizante a norte do Tejo e a ourivesaria arcaica do território português”, in S. Celestino Pérez – J. Jiménez Ávila (eds.), *El Periodo Orientalizante, Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterraneo Occidental*, Mérida 2005, 1215-24; A.C.F. Silva, “Ourivesaria proto-histórica em território português”, in J. Alarcão (ed.), *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*, Lisboa 1996 (Museu Nacional de Arqueologia), 139-46; A.C.F. Silva, *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira 2007.

R. Vilaça